



AS TECNOINTERAÇÕES NA APRENDIZAGEM: VALORIZAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE JUVENIL

THE TECHNICAL INTERACTION AT THE LEARNING PROCESS: YOUTHFUL IDENTITY AND CULTURE VALUATION

Zoraia da Silva Assunção¹ e
Maria das Graças Pinto Coelho²

RESUMO: Este estudo analisa as tecnointerações na aprendizagem e a ritualidade desenvolvida pelos jovens na valorização de sua cultura. Destaca o que favorece as diferentes identidades juvenis na *internet*. Enfocamos a *internet* como um meio de comunicação, informação e entretenimento. A problematização surgiu na observação de um descompasso entre a orientação escolar para o uso da *internet* e o que os alunos utilizam em casa e em outros ambientes. Neste contexto, questiona-se a *internet* no ambiente escolar. Será que ela está sendo otimizada para atender as novas exigências de comunicação e interação dos alunos? O aporte teórico utilizado resgata os conceitos de comunicação, tecnointeração, sociabilidade, ritualidade, cultura juvenil, identidade e autonomia, pontuando aspectos fundamentais, como o “diálogo”, a aquisição de conceitos e a inovação da educação com a chegada dos avanços tecnológicos na re-configuração social. O universo da pesquisa foi em uma escola da cidade do Natal/RN, cuja clientela apresenta condições socioeconômicas favoráveis à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreu-se a uma metodologia de trabalho científico qualitativa de grupo focal, cujos sujeitos são jovens entre 11 a 15 anos. Neste contexto, foram identificados diferentes usos e atitudes, da cultura e identidade juvenil. Entretanto, todos os sujeitos dos grupos afirmaram que é possível ampliar a utilização da *internet* para potencializar aprendizagens e inovações educacionais a partir de outros usos que possam ser feitos desta mídia.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnointeração - *Internet* – Ritualidade – Cultura - Identidade juvenil

ABSTRACT: This study analyses the technical interactions at the learning and rituality developed by young people to value their culture. It shifts what favours the youthful different identities in the internet. It focuses the internet as a communication, information and entertainment mean.



The problem has appeared at the observation of a discompass between the school coordination in relation to the use of internet and what the students access at home or in other environments. In that context, the internet at the school environment is questioned. Is it (internet) being improved to attend the students new communication and interaction demands? The theoretical base employed ramsons the communication, technical interaction, sociability, rituality, youthful culture, identity and autonomy concepts, portraying fundamental aspects as the dialogue, concepts acquisition and the education innovation due to the arrival of technological advances for the social reconfiguration. The research universe was a school situated in Natal city/RN whose clients shows social economic conditcions favourable to the use of information and communication technologies. For the research development, the focal group qualitative method was used with youngs aged between 11 and 15 years old. In this context, several uses and attitudes of juvenile identity and culture were identified. However, all subjects of the groups declare that it is possible to increase the internet utilization to improve the learning and education inovations process starting from other possible uses of this media.

KEYWORDS: Technical interaction. Internet. Rituality. Culture. Youthful culture.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED)/UFRN, zoraia_assuncao@hotmail.com;

² Doutora do PPGEd/UFRN, gpcoelho@ufrnet.br.

INTRODUÇÃO

Os sistemas comunicativos estão cada vez mais complexos. E essa realidade se afirma de maneira inequívoca quando resgatamos a complementaridade entre as velhas tecnologias e as que estão surgindo. Dessa forma, as velhas tecnologias não são suplantadas à medida que outras surgem, elas coexistem.

Neste contexto, percebe-se que a atual sociedade constrói novas formas de mediação com o real e impulsiona vertiginosamente para a construção de conceitos, que influenciam, entre outras, as ações políticas como: a participação, representação e



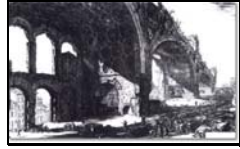
cidadania, bem como valorização da cultura dos jovens que favorece a diferentes identidades juvenis no processo de comunicação por meio da *internet*.

Nesta perspectiva, este trabalho analisa as contribuições das tecnointerações no processo de formação do sujeito que aprende, interage, comunica-se, que pertence a um ambiente escolar, mas principalmente que se relaciona em grupos de amizades específicos para entretenimento e relacionamento por meio da *internet*. Esta pesquisa tem como objeto de estudo a *internet*, um meio de comunicação favorecendo a ritualidade de interações e a diversidade de identidades juvenis. A problematização surgiu pela observação de um descompasso que há entre aquilo que a escola orienta como uso da *internet* e o que os alunos utilizam em casa e em outros ambientes para manter a ritualidade de acesso e interação.

Neste sentido, questiona-se: Será que a *internet* no ambiente escolar está sendo otimizada para atender as novas exigências de comunicação e interação?

O objetivo deste trabalho acadêmico é investigar a *internet* como tecnointerações no ambiente escolar para favorecer o ensino-aprendizagem. Um estudo para a educação e a escola, por ter como aporte teórico um resgate dos conceitos de comunicação, informação, tecnointerações, sociabilidade, ritualidade e autonomia, pontuando aspectos fundamentais, como o “diálogo”, a afetividade, a aquisição de conceitos e a renovação da educação com a chegada dos avanços tecnológicos na re-configuração social.

Neste caso, o trabalho foi desenvolvido no universo de uma escola particular da rede de ensino localizada em um bairro residencial com outras escolas particulares no bairro de Petrópolis da cidade do Natal / RN, cujo público apresenta condições socioeconômicas favoráveis à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), de famílias de classe média, uma escola confessionária em que a maioria dos alunos e professores tem computadores e fazem uso sistemático da *internet* em seus ambientes domiciliares. Recorreu-se a uma metodologia de trabalho científico qualitativa com a metodologia de grupos focais, cujos sujeitos da pesquisa são jovens entre 11 a 15 anos, do Ensino Fundamental e Médio, para investigar o uso da *internet* no dia-a-dia, suas contribuições e limitações.



1 Pesquisa qualitativa com a metodologia de grupo focal: aspectos da organização, recepção, escolha dos grupos e sistematização

O grupo focal é um método de pesquisa qualitativa que pode ser utilizado no entendimento de como se forma as diferentes percepções e atitudes acerca de um fato, prática, produto ou serviços. É uma metodologia interessante ligada ao trabalho desenvolvido em ciências sociais e humanas porque explica a imbricação dos sujeitos da pesquisa:

É o próprio tipo de material que emerge nas discussões: idéias, opiniões, modos de ver, atitudes, valores, que são evidenciados e processados num coletivo, mostrando mudanças, influências recíprocas, acordos e desacordos, que se produzem e se alteram ao longo da dinâmica do trabalho. (GATTI, 2005, p.67)

Neste contexto, trata-se de um tipo especial de grupo em termos do seu propósito, tamanho, composição e dinâmica. Basicamente, o grupo focal pode ser considerado uma espécie de entrevista de grupo, embora não no sentido de ser um processo onde se alternam perguntas do pesquisador e resposta dos participantes.

Diferentemente disso, a essência do grupo focal consiste justamente em se apoiar na interação entre seus participantes para colher dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador (que vai ser no caso o moderador do grupo). Uma vez conduzido, o material obtido vai ser a transcrição de uma discussão em grupo, focada em um tópico específico (por isso grupo focal).

A essência do grupo focal consiste, em se apoiar na interação entre seus participantes para colher dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador (moderador do grupo). Nestas condições, foram feitos registros das discussões dos grupos focais, bem como das observações do cotidiano anotando os aspectos relevantes das interações, comunicações e a formação da cidadania desses jovens.

Os sujeitos da pesquisa são jovens na faixa etária entre 11 a 15 anos de idade, que foram previamente selecionados por recepção e interesse no tema a ser pesquisado, durante três meses, de outubro a dezembro de 2006. Foram definidos três diferentes grupos de



sujeitos para a pesquisa. Um grupo de sujeitos – alunos do sexo masculino entre 11 e 15 anos, o segundo grupo, alunos do sexo feminino entre 11 a 15 anos e o último grupo focal, alunos de 13 e 14 anos de ambos os sexos, masculino e feminino.

Cada grupo focal vivenciou um espaço/tempo específico de uma hora, no qual os participantes tiveram um pequeno momento de cinco minutos para se apresentarem e só então, começaram as seqüências de questões submetidas às discussões de opiniões entre eles, porque não se conheciam e/ou não eram colegas de turmas.

Além disso, as transcrições feitas posteriormente passaram pela análise do discurso e foram definidas em categorias de opiniões sobre as tecnointerações permitidas pela Web como: dias da semana, tempo diário, horário, bem como informações sobre a finalidade do uso. Algumas outras situações ainda se encontram em processo de análise e interpretação pelo pesquisador, mas têm-se algumas considerações a serem divulgadas sobre este trabalho.

1.1 Formação da cidadania: aspectos documentais e as análises feitas pelo que dizem e pensam os jovens da pesquisa

O que diz a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 quanto a responsabilidade da escola como uma instituição formadora da cidadania está disposto em dois artigos específicos sobre a formação e exercício da cidadania, bem como a responsabilidade da escola quanto a formação tecnológica básica para a comunicação. No Art. 22, dispõe sobre a formação da Cidadania:

A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

É na escola que os jovens vão desde cedo aprender a conviver e respeitar o outro, a terem direitos e deveres a cumprir na comunidade educativa em sua diversidade de raças, crenças e classes sociais. Além disso, no Art. 36 da mesma LDB nº 9394/96, traz que



a educação tecnológica básica [...] é comprometimento da disciplina de língua portuguesa como instrumento da comunicação na escola. Assim trata o texto que:

Destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania.

Para tanto, os jovens devem receber da instituição escola, a forma mais adequada para esta realização, na perspectiva de contribuir para a formação de alunos críticos e comprometidos com a comunidade educativa e a sociedade na qual eles pertencem.

As primeiras considerações feitas sobre a pesquisa mostram que os sujeitos do grupo 1 – composto de jovens do sexo masculino, afirmam que usam a *internet* diariamente na semana, sempre quando estão em casa e se conectam, assim que chega às suas residências mesmo tendo outras coisas para fazer, que a *internet* está ligada e acionada no site de relacionamento e/ou jogo. Quanto à finalidade, do uso da *internet*, eles afirmaram que fazem diferentes usos a depender da necessidade, como por exemplo, para pesquisa escolar, trocas de informações, para ter conhecimentos de notícias recentes, para jogos entre amigos, para baixar antivírus atualizados, para ouvir músicas e *clips* recentes, comprar DVDs e equipamentos (periféricos), além de utilizar para marcar e socializar encontros.

Este grupo 1, apresentou as suas preocupações quanto: a compreender melhor a técnica, para poder utilizá-la com mais segurança e autonomia, entender melhor a linguagem (software) devido às situações de “vírus”, que chegam por softwares indevidos que inviabilizam e paralisam suas rotinas de sociabilidade e ritualidade de acessos.

Quanto, ao grupo 2 – composto de jovens do sexo feminino, na faixa etária de 11 a 15 anos, elas disseram que usam a *internet* diariamente também, tem um tempo controlado de uso diário, mas quanto à finalidade, elas afirmam que usam para pesquisar conteúdos das disciplinas curriculares, para trocar informações entre amigos e amigas, para ouvir músicas e marcar e socializar encontros. Elas apresentaram um aspecto diferenciando que o grupo anterior, porque deram ênfase ao uso da *internet* para conversação, em bate-papo “virtual”, os chats de relacionamentos.

Neste grupo, as jovens não apresentaram as mesmas preocupações do grupo de



jovens anterior. Questionando-as quanto o quê fazem quando ficam sem *internet* em casa, devido a algum problema de vírus no computador, elas responderam que aguardam a atuação dos pais, irmãos mais velhos e/ou mais novos, para a resolução do problema, mas vão à lan-house mais próxima de casa, ou em shopping, ou em outro ambiente com acesso à *internet* para não ficarem sem a rotina de sociabilidade via rede. Quanto ao grupo 3, composto de jovens de ambos os sexos, na faixa etária entre 13 e 14 anos, apresentaram os mesmos usos dos grupos anteriores. Divergiram apenas, quanto à preocupação em manter a segurança de acesso. Neste caso, os jovens do sexo masculino desse grupo, disseram que procuram logo encaminhar a resolução do problema levando o computador a uma assistência, ou entrando em contato por telefone para que o técnico venha em sua casa. Percebe-se que eles já possuem uma referência técnica para estes casos, de problemas com o computador que tenha de ser examinado fora de casa. Mediante este fato, para não ficar sem acesso, eles procuram a casa de amigos próximos para a utilização da *internet*.

Naquele grupo, de jovens do sexo masculino, perguntando como eles se sentem utilizando o computador na casa de amigos, eles disseram que não é algo agradável, é bastante incômodo, devido à presença de adultos que eles não têm familiaridade, e principalmente porque é o amigo que fica como protagonista, e eles ficam por trás, vendo-o e/ou ouvindo-o, a sua autonomia de uso e escolhas dos acessos.

Quanto as jovens presentes nos dois grupos focais, quando questionada qual a reação delas nas resoluções desses problemas, elas responderam que não se comprometem a resolver nem tomar nenhuma atitude neste sentido. Saem e vão procurar acesso à *internet* em outros lugares como: trabalhos dos pais, na escola, no shopping e em residências de familiares. Questionando como se sentem em relação ao uso da *internet* nesses espaços, elas disseram que não têm nenhum constrangimento, usam naturalmente. Já estão mais familiarizadas a esses ambientes e usos.

2. O que tratam os teóricos sobre as tecnointerações, espaço público, sociabilidade e ritualidade

A comunicação hoje possibilita uma transmissão, que rapidamente alcança todo o mundo. Inúmeros fatos da política foram modificados positivos e negativamente por meio



da comunicação e da revolução tecnológica que está levando a informação para o mundo todo. Essas mudanças trouxeram como consequência, a construção de uma sociedade mais informatizada, comunicando mundialmente por meio da *internet* e isto chegou às escolas e universidades, abrindo possibilidades de novas interações, novos modos de aprender e ensinar.

Além disso, percebe-se que a escola já não é único âmbito de transmissão de conhecimentos. Neste sentido, o lugar do docente, como o lugar exclusivo do saber, está posto em questão, muitas vezes pelos próprios alunos, que têm um acesso aos meios eletrônicos de comunicação e a um saber equivalente a um adulto, devido aos acessos aos espaços públicos para adquirir sistematicamente, como uma ritualidade, novos e aprofundados conhecimentos e informações.

Por outro aspecto, é quanto “a sociedade ‘pós’ é muito mais uma arena, onde diariamente se digladiam tradição e novidade, onde a pessoa humana se cria e recria, à medida que constrói sua história” segundo (LINHARES, 2006, p. 158). Neste sentido, pode-se dizer que aqueles têm acessos à informação e comunicação, estão fazendo uso de espaços públicos, que os favorecem a uma formação pessoal diferenciada e independente dos diferentes ambientes escolares. Nesta perspectiva, entende-se por espaço público:

a esfera de pessoas privadas reunidas em público”, o ‘lugar’, na acepção geográfica da palavra, onde se desenvolve o exercício de tornar público, ‘publicar’ idéias, conceitos, vontades, até então privadas, de grupos, diante de problemas e situações comuns a todos, principalmente no que se refere aos assuntos de poder e da gerência da coisa pública. (LINHARES, 2006, p.166).

Neste contexto, a ritualidade de tornar público, de coletivizar idéias e opiniões, a gerência do comum a todos e, principalmente, as possibilidades legais de participação, forma-se importantes passos para que os jovens se tornem mais interativos nas relações comunicacionais intensificadas com base nos novos suportes tecnoinformacionais, que devem ser utilizadas por esses novos atores sociais, participativos em seus grupos, nos quais:



a *internet* coloca-se como um espaço que pressupõe uma subjetividade intersubjetivamente estabelecida, é processual e se põe em permanente tematização e questionamento. É, portanto, um espaço público [...] é uma junção do público comum a todos, e do público acessível a todos, mesmos que este processo ainda não esteja de todo concretizado. (LINHARES, 2006, p.170).

Nesta perspectiva, a *internet* possibilita a expansão social da racionalidade e permite reforçar as possibilidades de consenso – ainda que tal consenso já não corresponda mais ao sonho burguês da maioria e seja apenas grupal. Como exemplo, os sites de busca de parceiros, amigos, as salas de bate-papo, listas de discussões e os mais diversos sites personalizados que forma a rede como *clips*, músicas, jogos entre outros sites de consumo.

Além disso, percebe-se ainda que os sistemas comunicativos estejam mais complexos, devido a uma complementaridade entre as velhas tecnologias e estas em desenvolvimento e que principalmente não há o fim de uma tecnologia devido ao surgimento de outras.

Neste sentido, seis razões são enfatizadas por (OROZCO, 2006) que defende esta afirmação pontuando que: a) as transformações das tecnologias não se limitam às mudanças técnicas; b) cada tecnologia depende de um tempo para que o usuário se adapte e se aproprie dela; c) O uso de uma determinada tecnologia não diminui o tempo gasto em outras, ou seja, o usuário pode gastar seu tempo tanto no computador, quanto ouvindo rádio ou vendo TV; d) as tecnologias atendem algumas necessidades dos usuários, mas não todas; e) as novas tecnologias necessitam de reajustes e adaptações por parte dos usuários; f) nas sociedades mais pobres não existe condição financeira para que os usuários adquiram todas as novas tecnologias disponíveis no mercado.

Nesta perspectiva, as tecnologias obedecem à lógica do mercado, mas a sociedade não acompanha a rapidez do desenvolvimento tecnológico, que não é assimilado cultural nem politicamente trazendo muitos conflitos culturais e de identidades. Vale ressaltar o “destempo”:

As mídias de massa se transformaram em “máquinas de produzir o presente”, ou seja, acham-se dedicadas a fabricar esquecimento – o que vale como notícia é o que nos conecta com o presente do que está acontecendo, o que, por sua vez, permite que o tempo em tela de



qualquer acontecimento deva ser também instantâneo e equivalente, com o que o presente convertido em atualidade dura cada vez menos.
(BARBERO, 2006, P.71)

Neste sentido, o “destempo”, que há entre a realidade social e as inovações tecnológicas, este desajuste temporal entre um e outro, está presente na educação e na comunicação. Além disso, este “destempo” entre o tempo midiático e o real colabora para dar um ar de ficção à vida real. Neste contexto, tudo, desde notícias até documentários são vistos como sendo a mesma coisa devido o seu alto grau de realidade. O distanciamento entre o que é real e o que é ficção se torna muito próximo.

Além disso, um outro conceito de destempo vem complementar aquilo que vem acontecendo em relação à comunicação social e os atores sociais quando:

o que nesta direção estamos experimentando no âmbito da comunicação social, aliás, é uma série de destempo que correm atropeladamente ao longo da vida cotidiana. Destempos que supõem ajustes e processos de aprendizagens substantivos por parte dos atores sociais, e que quase sempre acabam inconclusos. Da parte dos Estados e das instituições, requerem uma formulação adequada de políticas públicas (que quase sempre não ocorrem) que permitam a todos ir transitando de um meio a outro, de uma tecnologia a outra, de uma ritualidade a outra.
(OROZCO, 2006, p. 86).

Outro aspecto a observar em relação à idéia do tempo do aprender e construir conhecimentos em estudo nas instituições é uma situação a ser discutida, porque enquanto “a escola e a universidade têm horários fixos, turnos determinados, lugares certos” (OROZCO, 2006, p.95), exige um tempo e horários específicos, enquanto que as novas tecnologias de informação possibilitam o acesso a conteúdos em qualquer lugar e hora, sem deslocamentos físicos. Neste aspecto, o descobrimento de conhecimentos, possibilitado pelas tecnologias da informação, servem de base para a construção de novas redes de conhecimento.

Observa-se ainda, que a forma de ensinar e aprender foram modificados essencialmente pelas novas tecnologias da informação, que fazem o aprendizado acontecer não mais pela repetição e reprodução, mas pela descoberta. A partir desta nova realidade



tanto instituições de ensino quanto os professores são pressionados a repensarem a educação e seu futuro. Para tanto, as novas tecnologias criam novas necessidades, neste sentido, as mudanças tecnológicas supõem transformações nas práticas sociais, das quais se destacam as sociabilidades e a ritualidade.

Neste contexto, a sociabilidade é, um conjunto de negociações que os atores sociais realizam entre os referentes e os outros atores no processo comunicativo e de gestão de significado e sentido, segundo (OROZCO, 2006), no qual o usuário se torna dependente das novas tecnologias como o era nas antigas, mesmo que esta necessidade não seja aparente e se mascare de liberdade de escolha.

O conceito de ritualidade está imbricado nas práticas coletivas e individuais em relação às referências informativas, devido ao fato de que as mediações não são exercidas somente pelos meios, mas pelos processos que estruturam de várias fontes e formas, e que intervêm nos processos comunicativos desses atores sociais.

Pode-se perceber que hoje há um desordenamento nas mediações tradicionais, assim a mediação institucional da família, do estado, da escola está perdendo a importância em detrimento da mediação tecnológica, ou seja, a própria capacidade de percepção é alterada devido às possibilidades de consumo, de imagens e informação gerada, pela tecnologia. Analisando a articulação entre o saber, as novas tecnologias, educação e autonomia, a reflexão nos alerta enquanto educadores:

a gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiência respeitosa da liberdade. (FREIRE, 1997, p. 121).

Neste contexto, além da importância da ação política do indivíduo, este deve apresentar atitudes que envolvem não apenas o saber técnico e científico, mas a herança da criticidade para discernir entre uma decisão democrática do que aprender, mas que o poder hegemônico das classes dominantes, para determinar sempre o que podem e devem saber as classes dominadas.



Considerações Finais

Algumas considerações finais foram feitas a partir da observação dos jovens no ambiente escolar, bem como a análise dos dados obtidos pelos três grupos focais. Neste sentido, foram identificados diferentes usos da *internet* na escola em todos os grupos. Eles afirmaram que a escola deu grande contribuição quanto a ensinar a pesquisar e selecionar as informações de forma crítica e com significado, por ter criado uma ritualidade semanal de uma hora/aula de uso, mas atualmente não concordam com a proibição para o acesso a *sites* de entretenimento, bem como para o ensino da técnica, que recentemente deixa muito a desejar.

Isto posto, o grupo 1, sugere que a escola deveria voltar a ter um horário específico para o ensino das novas tecnologias, bem como ensinar aos alunos a compreenderem e conhecerem o *hardware*, periféricos e a possibilidade de ampliação deles a partir da necessidade de uso em relação às configurações básicas, bem como os seus funcionamentos. Além disso, eles sugerem também o ensino da prevenção, como o ensino de *softwares* que favorecem a infestação por vírus, que os levam à permanente busca de técnicos para atualizações e manutenções de seus equipamentos. Eles apontam como sugestão, que a escola retire uma aula de língua portuguesa para tal realização. Quanto às jovens, observadas na pesquisa, elas afirmam que gostariam do acesso, na escola, de *sites* de relacionamentos, como *orkut*, *messenger*, nos quais elas manteriam as suas ritualidades de interações com as pessoas e comunidades que “pertencem” para a valorização da identidade e cultura juvenil.

Pode-se concluir que um dos grandes equívocos da escola é desconsiderar todo o potencial com que a criança e/ou jovem chega ao ambiente escolar. A escola decreta que antes dela ou fora dela não há nada. No entanto, diante das análises já realizadas por nós e reflexões feitas por um leque diversificado de pensadores da área, aponta que resta à família, à escola e às universidades, terem a compreensão de que os jovens estão tendo suas próprias escolhas de aprendizagens.

Nesta perspectiva, cabe a estas instituições ajudarem ao jovem a se prepararem para a vida profissional, que não é apenas preparar para uma atividade, uma vez que o trabalho concretiza a vida humana em suas variadas formas, mas deve procurar incluir



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

conhecimentos que contribuam para a formação geral e o desenvolvimento das competências e habilidades inerentes à realização de qualquer trabalho, na perspectiva de uma participação social consciente e cidadã, e não apenas para profissões específicas.



REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

OROZCO, Gómes. Comunicação Social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: **Sociedade Midiática**. Rio de Janeiro: Maud, 2006, p.81-98.

LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI N°. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

LIMA, Venício de A. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo: Editora Fund. Perseu Abramo, 2001, p.53-67.

LINHARES, N.R. *Internet* e ação comunicativa como elementos do espaço público sob uma perspectiva habermasiana: crise e transição. In: SOUSA, M. W. (org). **Recepção Mediática e Espaço Público – Novos Olhares** – São Paulo: Paulinas, 2006.